

Uma revisão sobre as ações de enfermagem na assistência às pessoas em uso de psicotrópicos através do programa do Iramuteq.

A review about nursing care in assistance to people in use of psychotropic drugs with Iramuteq programm;

## **RESUMO**

**OBJETIVO:** identificar na literatura científica as ações de cuidado efetuadas por enfermeiros diante de pessoas que utilizam medicamentos psicotrópicos. **METODOLOGIA:** Revisão integrativa realizada através de 8 artigos recuperados em bases de dados nacionais e internacionais, analisados através do uso do software Iramuteq.. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** três classes textuais de análise foram criadas: o uso abusivo de psicofármacos ; as demandas de cuidado ao usuário; e estratégias para o acolhimento familiar. Destaca-se que a literatura enfatiza a prescrição de substâncias psicotrópicas como primeiro recurso terapêutico no atendimento a usuários com transtorno psíquico, muitas vezes sem real necessidade e sem correta orientação. **CONCLUSÃO:**As ações do enfermeiro precisam ser ampliadas para além da administração medicamentosa no que se refere aos cuidados a usuários com transtorno mental que utilizam medicamentos psicotrópicos. É fundamental, que essas ações garantam um cuidado individualizado e de qualidade ao usuário e sua família. **Palavras-chave:** Enfermagem, enfermeiro, psicotrópicos, assistência à saúde mental

## **ABSTRACT REVER**

**AIMS:** identify in the scientific literature the nursing care plans for people with mental disorders in use of psychiatric medications with. **METHOD:** A narrative literature review into national and international databases was conducted through 8 papers with IRAMUtEQ software. **RESULTS AND DISCUSSION:** three textual classes of analyses were formed: the e psychiatric medications abuse; people with mental disorders demands; and strategies for family nursing care. The psychiatric medication prescription was the first therapeutic resource in the care of people with mental disorders, emphasized by literature. Most of that without the real need and correct orientation.. **CONCLUSION:** Nursing care for people with

Link revista <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/about/submissions#onlineSubmissions>

Professor: Denise Sória - email: denisesoria@terra.com.br

mental disorders in use of psychiatric medications should be enlarged in order to guarantee individualized care and family support. **Keywords:** Nursing, nurses, psychotropic drugs, mental health assistance.

## 1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 1950, a indústria farmacêutica, especialmente no campo da psiquiatria, ampliou seu escopo de atuação na chamada “revolução psicofarmacológica” (Birman, 1999 apud LUZIO & SANTOS, 2012, p.2). Luzio e Santos (2012, p. 2), descrevem em seu trabalho, que "as drogas psicotrópicas ganharam espaço no tratamento em saúde mental nos últimos 30 anos, abandonando a psicanálise e rompendo a lacuna que existia anteriormente entre psicologia e medicina. O processo citado levou ao uso crescente dessas drogas como primeira escolha para o tratamento de uma série de distúrbios psiquiátricos, emocionais e sociais.

Os medicamentos caracterizados como psicotrópicos são drogas utilizadas em larga escala na psiquiatria por pessoas que sofrem com sintomas físicos e emocionais, de ordem psíquica, de modo a melhorar a sua qualidade e sua interação social. É importante salientar que o tratamento de pessoas com condições crônicas de saúde mental que necessitam o uso de psicotrópicos envolve um cuidado singular direcionado às necessidades do sujeito e sua família a partir dos referenciais da atenção psicossocial e baseados nos princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira. e todavia, ressalta-se que os medicamentos são coadjuvantes no tratamento e continuam sendo uma estratégia essencial para o gerenciamento de doenças e prevenção de recaídas (Brondolo & Mas, 2001; Walburn, Gray, Gournay, Quraishi & David, 2001; Kane, 2003).

O consumo exacerbado de medicamentos está vinculado à produção social hegemônica e à comercialização da saúde, envolvendo diversos atores, entre eles: médicos, pacientes, indústria farmacêutica e órgãos reguladores da saúde. Nesse sentido, devido à “mágica” operada pelos psicotrópicos, os indivíduos resistem cada vez menos ao sofrimento psíquico e recorrem à medicação em escala sem precedentes (ROSA; WINOGRAD, 2011; SANTOS, 2009; AMARANTE, 2007).

Para Conrad (2007) o que ocorre é que partes cada vez maiores da vida tem se tornado medicalizadas, entendemos que é possível medicalizar todos os tipos de problemas da vida, como parte comum da nossa cultura profissional, de consumo e de mercado. Além disso,

percebe-se que a expansão da jurisdição médica tem demonstrado um aumento do número de categorias de diagnósticos medicalizáveis (Conrad: 2007).

É importante destacar que o novo modelo de atenção à saúde mental, busca erigir uma nova forma de agir, pautada na amplificação da clínica e na abordagem sujeito-usuário, aliada a uma perspectiva emancipatória do cuidado operativo de acordo com a lei nº 10.216, de 06 de abril de 2001 (Brasil, 2001). Nesse contexto, a atuação do enfermeiro se expandiu aumentando ainda mais a importância do seu papel, em todos os níveis de atenção.

Esse profissional de nível superior é habilitado no manejo de substâncias psicotrópicas, mas pode ter dificuldade de administrar e atuar com os mesmos, devido à falta de conhecimento, possíveis efeitos adversos e o modo de lidar com esse usuário. Ademais, como os psicofármacos podem levar à dependência, é imprescindível que os profissionais que os administram ou os pacientes que os recebem estejam cientes de todos os efeitos (SILVA, 2014). Nesse sentido, torna-se relevante que o usuário seja devidamente orientado sobre todas as possíveis consequências desse medicamento.

Por conseguinte, este estudo possui como objetivo identificar na literatura científica as ações de cuidado efetuadas por enfermeiros diante de usuários com transtorno mental que utilizam medicamentos psicotrópicos .

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa do tipo revisão integrativa da literatura realizado a partir das seguintes etapas: identificação do tema e da questão norteadora; elaboração dos critérios para inclusão e exclusão de estudos; avaliação dos estudos incluídos na revisão; análise e interpretação dos resultados; e apresentação da revisão do conhecimento.

Na primeira etapa, identificou-se o tema e a questão da pesquisa: formulou-se a pergunta a partir da estratégia PICo, População (enfermeiros); fenômeno de interesse (uso de medicamentos psicotrópicos); e contexto (assistência na saúde mental). Ficando assim definida: Quais estratégias de cuidado que são utilizadas pelos enfermeiros no atendimento às pessoas que utilizam medicamentos psicotrópicos?

Na segunda etapa, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: estudos em qualquer idioma, disponíveis na íntegra e gratuitamente, publicados nos últimos dez anos, que respondessem de alguma forma à pergunta de estudo. E exclusão: artigos que não tinham a população alvo deste estudo (enfermeiros que atuam com pacientes em uso de psicotrópicos).

. A busca foi feita nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline), no mês de novembro de 2021, por meio do portal CAPES e da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Os descritores controlados selecionados foram: enfermagem (nursing), psicotrópicos (psychotropic drugs) e assistência à saúde mental (mental health assistance). Esses descritores foram associados pelo conectivo AND, o entrecruzamento nursing AND psychotropic drugs AND mental health assistance foi utilizado como chave de busca.

Na primeira seleção, ao cruzar os descritores, foram encontrados 191 artigos, dentre eles somente 87 estavam em sua versão completa. Após a leitura flutuante dos artigos tornaram-se eletivos 8 artigos, que foram lidos na íntegra, sendo excluídos os títulos que se encontravam repetidos ou duplicados na mesma base ou em mais bases de dados.

Na terceira etapa, houve a avaliação dos estudos incluídos na revisão. Os estudos selecionados foram analisados detalhadamente. Iniciou-se a leitura e interpretação dos mesmos a fim de analisar os resultados dos estudos selecionados e discutir suas principais contribuições. De cada estudo foram compilados o título, considerações metodológicas, problematização e resultados encontrados.

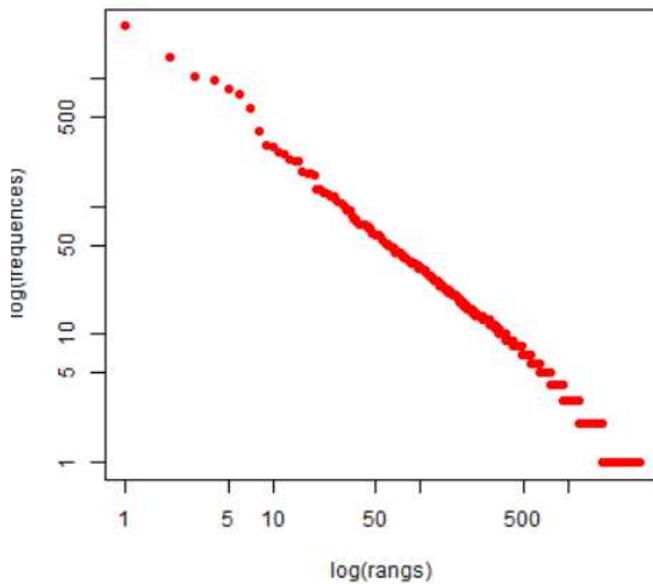
Na quarta etapa, para dar suporte à análise, foi utilizado o software gratuito Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), que replica o método de categorização hierárquica descendente (CHD), realizando a análise lexical do material e dividindo o texto em classes hierárquicas, identificadas a partir de segmentos que compartilham o mesmo vocabulário. Esta ferramenta permite entrever padrões e termos de destaque e agrupamentos com base em sua similaridade (LOUBERE e RATINAUD, 2014). Assim, o software potencializou a investigação de modo a organização de grande volume de dados textuais, bem como o gerenciamento e tratamento estatístico de textos, entrevistas ou questionários abertos, otimizando o tempo de análise textual.

Na quinta e última fase, houve apresentação da revisão do conhecimento. Os resultados e a discussão dos dados obtidos foram apresentados de modo descritivo, com o intuito de possibilitar a avaliação da aplicabilidade da revisão elaborada.

### **3 RESULTADOS**

Foram incluídos 08 artigos completos no software Iramuteq (versão 0.7 alpha 2), organizados em um único *corpus* ( 38 páginas), e obtidas as seguintes estatísticas textuais: 777 segmentos de texto, 26997 ocorrências, 4638 formas, 2509 palavras com apresentação única, representando 54,1% do corpus textual e 9,2% das ocorrências.

Figura 1: Gráfico lei de Zipf elaborado no IRaMuTeQ

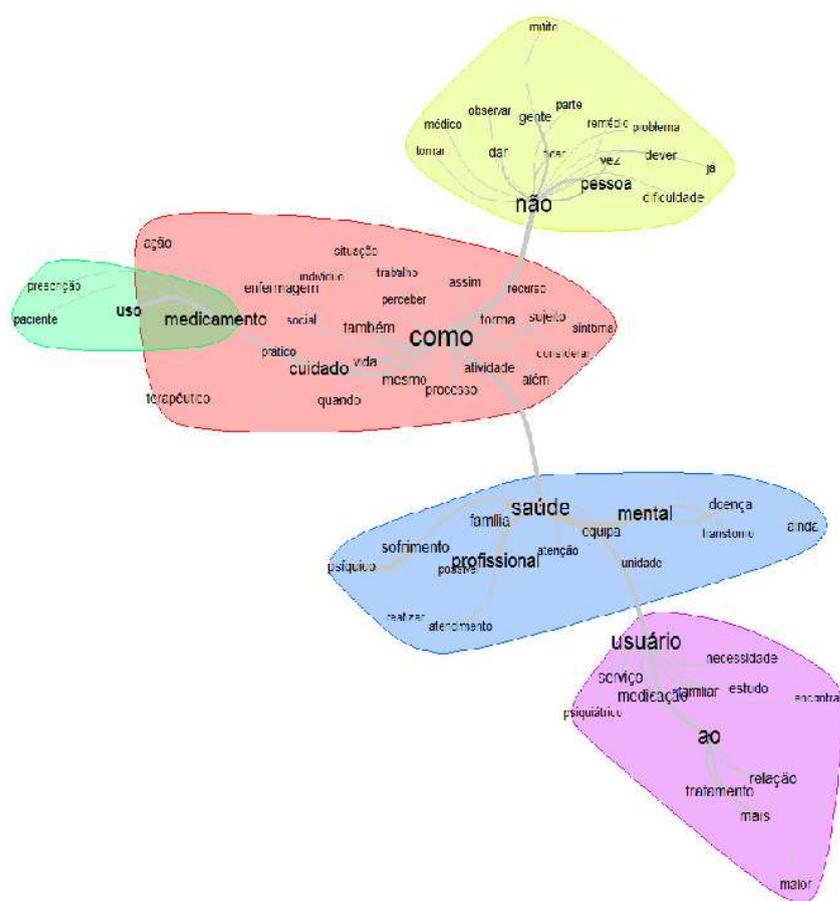


Fonte: Elaborado pela autora, 2022

O gráfico da lei de Zipf, criado na década de 40, nos mostra a posição em que as palavras aparecem, em termo de quantidades, e o Log das frequências. No eixo Y se encontra o Log das frequências, ou seja, quantas vezes uma palavra aparece, enquanto que no eixo X verificamos a quantidade de palavras. Ao analisar o gráfico, podemos visualizar que há muitas palavras que se repetem pouco e poucas que repetem muito.

Quanto às formas ativas de palavras encontradas, obteve-se com maior frequência (superior a 100): saúde: 187, usuário: 181, mental: 134, medicamento: 119, profissional: 118 e cuidado: 111.

Figura 2: Análise de similitude

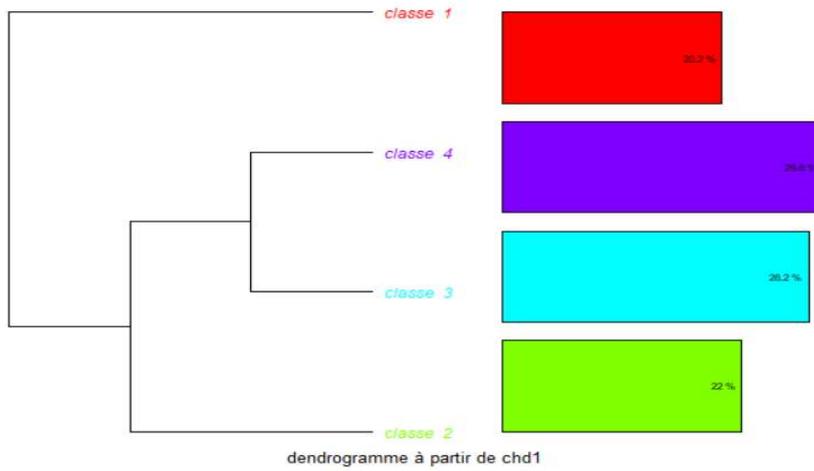


Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

A Figura 2, apresenta a análise de similitude, que se apoia na teoria dos grafos (HOLANDA, 2017). Ela permite identificar as ocorrências entre as palavras, de forma que seu resultado traga indicações sobre a conexão entre os vocábulos, possibilitando a identificação da estrutura do *corpus* textual, das partes comuns e das especificidades em função das variáveis ilustrativas detectadas na análise (MARCHAND e RATINAUD, 2012). Esta figura foi gerada selecionando-se as formas com ocorrência igual ou superior a trinta palavras para a frequência de contagem de cada palavra.

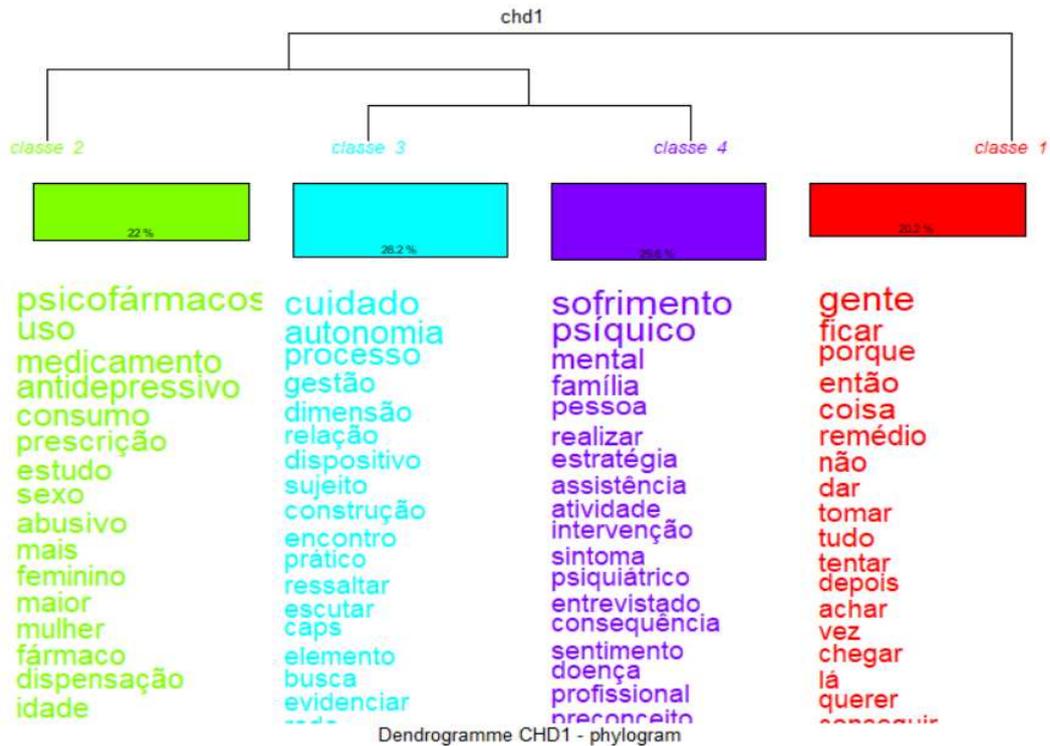
Por meio da análise de similitude, pode-se perceber que várias palavras se sobrepõem, e o termo “como” possui uma posição central na árvore de resultados, além de que dentro do seu agrupamento encontra-se o agrupamento de medicamento, indicando o objetivo central desta pesquisa, que seria de qual forma cuidar desse usuário.

Figura 3: Dendrograma 1 do corpus textual IRaMuTeQ



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022

Figura 4: Dendrograma 2 do corpus textual pelo IRaMuTeQ



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2022.

A Classificação Hierárquica Descendente (CHD), em forma de dendrograma, é uma importante ferramenta de visualização e análise, pois permite identificar agrupamentos e a sua ordenação hierárquica descendente, a partir das palavras mais frequentes dentro dos respectivos descritores.

Nesse contexto, observa-se que na Figura 3 estão as classes, enquanto que a Figura 4 contempla as palavras que compõem as classes. Assim, visualiza-se o conjunto de 8 artigos, agrupados em quatro classes, interligadas por um chaveamento da CHD, que leva em conta as relações entre as palavras no contexto das classes. No dendrograma (Figura 3) o corpus foi dividido em dois subcorpus. No primeiro visualizamos a classe 1 e no segundo a classe 2, onde nesse mesmo subcorpus houve uma subdivisão, englobando a classe 3 e 4.

Na figura 4 podemos observar as palavras que obtiveram maior frequência média dentro das classes. Pela leitura desses agrupamentos foi possível retificar o objetivo da pesquisa primária que visava a atuação do enfermeiro diante de usuários de psicoativos e as dificuldades enfrentadas. Na classe 2 fica explícito o uso de psicofármacos, muitas vezes de maneira abusiva, com predominância no sexo feminino. A classe 3 demonstra, as demandas de cuidado do usuário, que vão desde a necessidade da criação de um vínculo, entre ele e o profissional de saúde, que utiliza a escuta ativa como ferramenta de cuidado, estimulando a autonomia e autocuidado do paciente.

A classe 4 corroborou a necessidade do fortalecimento de estratégias para o acolhimento familiar, diminuindo seu sofrimento e a sobrecarga, compreendendo a sua importância para o cuidado a esse usuário. A classe 1 se apresentou como um emaranhado de palavras refletindo vocábulos de repetição dos atores presentes na pesquisa, sendo esses em alguns artigos usuários e outros profissionais de saúde, não compondo um escopo de análise.

## **4 DISCUSSÃO**

No âmbito empírico, é possível sugerir que o cuidado em saúde mental está muito centrado no processo de prescrição de medicamentos, correspondendo à manutenção do comportamento terapêutico para um transtorno mental diagnosticado.

Já o campo da prática consiste no ambiente onde as técnicas de enfermagem se articulam, e operam sob a inferência de modelos biomédicos, recorrendo às ações medicalizadas direcionadas aos organismos doentes. Merhy (2007) acrescenta que esse processo social prático e discursivo, ao encenar hegemonicamente o cuidado à saúde, fomenta uma forte subjetivação de diversos grupos sociais. E, dessa forma, de forma imaginada e institucionalizada, a sociedade vai se medicalizando.

A classe 2, relacionada ao uso de psicofármacos, se subdivide nas classes 3 e 4, o que evidencia como esse medicamento está relacionado tanto ao cuidado com o usuário quanto à diminuição dessa sobrecarga familiar. Além disso, essa classe compõe 22% do corpus, o que

evidencia o quanto a prática medicamentosa está enraizada no cuidado a esta demanda, sendo muitas vezes a primeira escolha de tratamento, resultando no aumento do seu consumo que é feito muitas vezes de forma exacerbada e sem real necessidade.

Nesse contexto, compreende-se que o tratamento medicamentoso representa parte das ações terapêuticas no âmbito psicossocial e visa controlar os sintomas prejudiciais das patologias psiquiátricas, com a finalidade de melhor adaptação à realidade e reinserção à sociedade. Portanto, não se deve menosprezar a utilidade dos psicofármacos no tratamento. Pelo contrário, deve-se agregar a eles outras formas de cuidado para que o uso da medicação não seja uma estratégia de prima escolha.

No entanto, o tratamento dos transtornos mentais com psicofármacos é sintomático e seu uso deve ser restringido ao necessário, sempre levando em consideração se a relação risco-benefício do medicamento justifica seu uso e se outros recursos foram devidamente explorados. Essas drogas não são panaceias, mas um recurso de primeira classe, às vezes complementares, às vezes inúteis, embora o seu uso seja observado no dia-a-dia dos usuários.

Assim, o uso racional de psicoativos permite aos pacientes que suas demandas clínicas sejam atendidas de forma satisfatória, em dosagens correspondentes aos seus requisitos individuais, durante período e tempo adequados, ao menor impacto possível para estes sujeitos e para a comunidade.

Portanto, é necessário estimular o uso racional de medicamentos que, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), “ocorre quando o paciente recebe o medicamento apropriado à sua necessidade clínica, na dose e posologia corretas, por um período de tempo adequado e ao menor custo para si e para a comunidade” (Rocha & Werlang, 2013, p. 3292).. O conceito de uso racional significa que a prescrição de medicamentos (incluindo psicotrópicos) consiste em uma técnica de cuidado disponível que deve ser considerada, mas não é de forma alguma obrigatória.

Dentre as ações que propiciam uma prática segura e humanizada para a administração de psicoativos, destaca-se a orientação aos usuários quanto aos riscos e benefícios do uso do medicamento. Esta prática deve estar aliada a preservação da autonomia do usuário, compreendendo-se que cabe ao mesmo decidir fazer ou não uso, visto que a proposta farmacológica não deve ser tratada como recurso principal no cuidado para melhoria da qualidade de vida.

Em relação a compreensão dos psicoativos sob ótica dos usuários, estes avaliam que, apesar do incômodo ocasionado pelo uso dos psicofármacos, sobretudo no início da terapia medicamentosa, sendo este um fator atribuído à falta de adesão ao tratamento por outros

estudos, farmacoterapia consiste em uma estratégia positiva. Como as crises e interações provenientes ao não uso de medicamentos repercutem negativamente a sua vida e de seus familiares, os usuários concluem que o uso dos psicofármacos constituem em uma estratégia benéfica.

No que se refere ao gênero consumidor de psicofármacos, parece haver por parte dos profissionais de saúde uma tendência a levar em consideração o sexo do paciente para decidir sobre a prescrição, havendo predomínio feminino, baseado na ideia de que as mulheres seriam mais suscetíveis ao sofrimento mental que os homens. Entretanto, percebe-se não haver uma preocupação por parte dos profissionais da saúde em considerar a subjetividade e a realidade das mulheres e os determinantes deste tipo de sofrimento, seja pela perspectiva histórica de subjugamento masculino, seja pelo aspecto social, pois existe grande sobrecarga com os papéis sociais exercidos pela mulher, que se somaram aos da conquista na carreira profissional e não a isentaram como principal responsável pelo cuidado do lar e filhos.

Dentre os fatores relacionados ao uso indiscriminado de drogas psicoativas destacam-se: aspectos ligados à exclusão social, falta de informação sobre a nocividade da droga, despreparo dos profissionais para lidar com a situação e maior acesso aos serviços de saúde.

A classe 4, composta por 29,6% do corpus, nos mostra a percepção da importância do familiar dentro do tratamento desse usuário e as consequências que isso acarreta na sua vida pessoal. Esse dado está em consonância com a literatura consultada, que aponta para uma tendência à eficácia terapêutica quando os familiares estão envolvidos e compartilham responsabilidades. Nesse contexto, a família é vista como uma poderosa aliada na resolução de problemas, pois busca se organizar para que o cuidado aos entes se encaixe no seu cotidiano. No entanto, acredita-se que o cuidado é centrado na família, sobrecarregado, doloroso e pode levar ao adoecimento familiar.

Para tal é importante ressaltar que o profissional conheça a dinâmica dos grupos familiares e consiga desenvolver parcerias para ajudá-los na compreensão da doença mental, elaborando assim táticas para melhorar a vivência com essas pessoas em aflição psíquica. Logo, as famílias precisam de apoio para lidar com contradições e dificuldades na vida cotidiana devido ao sofrimento mental, no entanto, os profissionais muitas vezes precisam se livrar dos preconceitos e compreender as famílias em suas singularidades, colocando-a como parceira e alvo de seu cuidado.

Portanto, é importante reconhecer as adversidades que estas famílias enfrentam para conviver com seus entes queridos em situação de angústia. Compreender essas dificuldades é

fundamental para a construção de um trabalho colaborativo entre equipes e cuidadores. Além de que, o profissional deve oferecer apoio aos familiares deste usuário.

A classe 3, correspondente a 28,2% do corpus, evidenciou sobre o cuidado necessário à demanda de saúde mental. Ele precisa ser feito de modo diferenciado e com uma visão ampla e integral sobre esse usuário.

Nesse aspecto, o papel dos profissionais de saúde deve estar direcionado para a escuta do paciente, considerando de modo empático as suas crenças, necessidades, conhecimentos e valores. Através desta tecnologia de cuidado, o planejamento de ações estarão consoantes à promoção assertiva quanto a utilização dos psicofármacos voltada para questões individualizadas do sujeito.

É de suma importância a promoção de espaços criativos e de convivência, onde o indivíduo possa expressar opiniões e escolhas. O grupo terapêutico é um exemplo de ambiente onde é possível desenvolver laços de cuidado e compartilhar experiências entre os usuários de psicofármacos.

No entanto, permanece como desafio o emprego de abordagens educativas que considerem o usuário como centro do processo de cuidar, permitindo-lhe expor suas dúvidas, anseios, dificuldades, opiniões e experiências relacionadas à terapia medicamentosa.

Portanto, a equipe de saúde mental precisa considerar a singularidade do indivíduo, não limitando sua visão a explicações científicas. O plano terapêutico também necessita abranger as pessoas que cercam o usuário na comunidade, particularmente, seus familiares, que enfrentam diretamente os impactos do transtorno mental na perspectiva emocional, econômica, social e espiritual.

A equipe de saúde tem o dever de esclarecer sobre a importância do uso da medicação e as consequências do desuso. A orientação quanto à utilização dos psicofármacos pelos usuários é um tema abordado pelos profissionais de saúde e/ou familiares, o que permite que estes formulem suas opiniões. No entanto, a literatura consultada aponta que alguns usuários constroem expectativas em relação ao uso de psicofármacos, que estes o levarão ao processo de cura, enquanto outros creem no uso por toda a vida.

Questiona-se então se a orientação transmitida ao usuário é adequada à Lei da Reforma Psiquiátrica, que preconiza direito ao máximo de informações sobre seu tratamento e doença. A esperança de cura pode ser uma forma de evitar a não utilização dos psicofármacos. Quando o usuário percebe que a cura não será alcançada, essa expectativa pode ser transformada em algo negativo.

A Lei nº 10.216/01 garante o direito às pessoas de receber informações a respeito de sua doença, seu tratamento, o direito à escuta e, inclusive, de questionar sobre qualquer aspecto envolvido no seu atendimento. Entretanto, há uma desconsideração desses direitos para privilegiar um conceito de normalidade em que os usuários “são conduzidos à utilização da medicação por ainda haver certa intolerância diante do comportamento imprevisível ou estranho destes à sociedade” (Xavier et al, 2014, p. 325). Dessa forma, as pessoas acabam por incorporar o uso de psicofármacos em seu cotidiano, tornando seu uso um hábito que os mantém, supostamente, emocionalmente estáveis.

A desconsideração dos direitos dessas pessoas em contar com alternativas de tratamento fica também evidente ao se constatar que outros fatores, tais como a falta de recursos na unidade de saúde, exercem forte influência na prescrição, muito mais que a necessidade real do paciente (Borges, Miasso, Vedana, Telles Filho & Hegadoren, 2015).

Estudos apontam como fatores da ineficiência do atendimento às pessoas em sofrimento psíquico a deficiência na formação acadêmica, o que acarreta pouco conhecimento, além da falta de atualização e treinamentos, a falta de identificação do profissional com a saúde mental e o excesso de responsabilidades, entre outros. Além disso, revela que os enfermeiros não se sentem habilitados para a assistência ao sujeito em sofrimento psíquico, fato que se deve à falta de iniciativa dos próprios profissionais em buscar conhecimentos que viabilizem o atendimento que corresponda às demandas desse indivíduo.

A falta de preparo para o atendimento dessa crescente demanda é reconhecida pelos próprios profissionais atuantes. Porém, mesmo diante do aumento considerável de usuários em sofrimento psíquico, os profissionais parecem ter pouca iniciativa para buscar qualificação técnica para realizar esse trabalho de forma eficiente. Esse fato deve-se, provavelmente, ao preconceito social em relação à doença mental que permeia o cotidiano das equipes de saúde.

#### **4 CONCLUSÃO**

As informações prestadas neste artigo trazem uma reflexão crítica acerca do fenômeno da medicamentação presente no âmbito da saúde mental. Os dados encontrados pelo estudo corroboram com a literatura de que o uso exacerbado de psicofármacos prejudica o protagonismo de outras ações de cuidado para o sofrimento mental.

Vale ressaltar, no entanto, que qualquer estratégia de atenção à saúde, inclusive a psicoterapia, pode ter como efeito a medicalização da vida e proporcionar o desenvolvimento da autonomia. Enfrentar os desafios inerentes à condição humana e as dificuldades de

abordagens subjetivas, bem como a prescrição indiscriminada de psicofármacos, ajuda a criar uma cultura médica em que a normalização se torna uma meta a ser alcançada.

A utilização dos psicofármacos está associada a um quadro clínico caracterizado pela normalidade para os usuários, isto é, o alcance do controle dos sintomas. Em contrapartida, a manifestação da “loucura” é compreendida como consequência do não uso dos medicamentos. Os psicofármacos são considerados parte integrante da vida dos usuários, sem os quais conseguiriam desempenhar ações de vida diária. Outra percepção equivocada que emerge é a de que o doente é um indivíduo dependente de cuidados e incapaz de realizar suas atividades cotidianas, além de ter a vida associada ao uso contínuo de medicamentos.

Na busca por melhor qualidade de vida e melhor tratamento terapêutico, foi visto que a presença da família é um fator importante. Contudo, esse cuidado pode acabar gerando sobrecarga e sofrimento familiar, e por isso é importante ressaltar a importância de um acolhimento a esses familiares por parte da equipe de saúde, na busca por um cuidado integral.

Verificou-se também a necessidade de capacitação e sensibilização dos profissionais, com foco na elaboração e implementação de planos de tratamento individuais baseados nas modalidades de atendimento, e a necessidade de atentar para registros de qualidade em prontuários para reavaliação não apenas da medicação, mas de todos os cuidados prestados.

Portanto, este estudo identificou a necessidade de o enfermeiro fortalecer suas ações ampliando a oferta de atividades de terapia em grupo que possam atender aos modelos atuais de atenção psicossocial. Salienta-se a importância de outras terapias psicossociais que valorizem o autocuidado, o envolvimento do usuário com ele e seus familiares se utilizando de uma responsabilidade compartilhada.

Além disso, reitera-se a importância dos profissionais de enfermagem examinarem suas próprias crenças, valores e preconceitos sobre substâncias psicoativas e suas necessidades de saúde mental, buscando atualizar os conhecimentos na área a partir de uma perspectiva interdisciplinar. De haver conscientização da necessidade de enfermeiros qualificados que sempre busquem conhecimento e evidências científicas para desenvolver melhores métodos de aconselhamento e evitar erros assistenciais e superdosagem em pacientes com transtornos mentais, contribuindo assim para melhorar a patologia do paciente e a qualidade de vida do mesmo.

## **5 REFERÊNCIAS**

TAVARES DE SOUZA, M.; DIAS DA SILVA, M.; DE CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer Integrative review: what is it? How to do it? v. 8, n. 1, p. 102–108, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZOTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em : 20 mar. 2022.

ROMAN, Arlete Regina; FRIEDLANDER, Maria Romana. REVISÃO INTEGRATIVA DE PESQUISA APLICADA À ENFERMAGEM. **Cogitare Enfermagem**, [S.l.], v. 3, n. 2, 1998. ISSN 2176-9133. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/44358>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

CROSSETTI, M. DA G. O. Revisão integrativa de pesquisa na enfermagem o rigor científico que lhe é exigido. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 33, n. 2, p. 8–9, jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/9TrSVHTDtDGhcP5pLvGnt5n/?for>. Acesso em: 20 mar. 2022

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 57, n. 5, p. 611–614, out. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/wBbjs9fZBDrM3c3x4bDd3rc/>. Acesso em: 21 mar. 2022

MELLO, Rita Mello de et al . The significance of the nursing actions in psychiatric hospitalization of female adolescent users of psychoactive substances. *Rev. Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre , v. 42, e20200011, 2021 . Disponível em <[http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-14472021000200450&lng=pt&nrm=iso](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472021000200450&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 05 abr. 2022.

CARLINI, E.A. et. Al. Drogas Psicotrópicas – O que são e como agem. IMESC. Nº3. 2001. São Paulo. Disponível em: <[http://www.gruponitro.com.br/atendimento-a-profissionais/%23/pdfs/artigos/multidisciplinaries/efeito\\_das\\_drogas\\_psicotropicas\\_no\\_snc.pdf](http://www.gruponitro.com.br/atendimento-a-profissionais/%23/pdfs/artigos/multidisciplinaries/efeito_das_drogas_psicotropicas_no_snc.pdf)>. Acesso em: 30 mar. 2022

CARRILHO, Camila de Araújo et al . O uso inadequado de substâncias psicotrópicas entre mulheres: um estudo a partir da singularidade feminina. *Reme : Rev. Min. Enferm.*, Belo Horizonte , v. 19, n. 3, p. 664-672, set. 2015 . Disponível em <[http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-27622015000300011&lng=pt&nrm=iso](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-27622015000300011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 08 abr. 2022.

XAVIER, Mariane da Silva et al. O significado da utilização de psicofármacos para indivíduos com transtorno mental em acompanhamento ambulatorial. *Esc Anna Nery* 18 (2) • Apr-Jun 2014, [s. l.]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/r7TqTRzDWv4knhmCRH6PXMf/?lang=pt>. Acesso em: 08 abr. 2022.

KANTORSKI, Luciane Prado et al. Descrição de oferta e consumo dos psicofármacos em Centros de Atenção Psicossocial na Região Sul brasileira. *Rev. esc. enferm. USP* 45 (6) • Dez 2011, [s. l.], 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/DBHbpR5vw3SFZ388DJhn35z/?lang=pt>. Acesso em: 26 abr. 2022. DOI

RIBEIRO ,Silva et al. Uso de psicofármacos na atenção psicossocial: uma análise à luz da gestão do cuidado. *Saúde em Debate* [en linea]. 2016, 40(110), 148-161, 2016.. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406347806012>. Acesso em: 26 abr. 2022.

SILVEIRA, Suely Teodora da et al . A Dispensação de Psicofármacos em um Município de Pequeno Porte: Considerações Acerca da Medicalização da Vida. *Psicol. pesq.*, Juiz de Fora , v. 10, n. 1, p. 17-25, jun. 2016 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472016000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472016000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 07 mai. 2022.

Moura, D. C. N. et al. Uso abusivo de psicotrópicos pela demanda da estratégia saúde da família: revisão integrativa da literatura. *SANARE*, 15(2),136-144, 2016. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1048/594>. Acesso em 10 mai 2022.

DRESCHER, Alanna et al. Concepções e intervenções em saúde mental na ótica de profissionais da estratégia saúde da família. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, [S.l.], v. 10, n. 4, p. 3548-3559, ago. 2016. ISSN 1981-8963. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11129>>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Lei n.º 10216, de 06 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. *Lex-Legislação em Saúde Mental 1990-2004*, Brasília, 5.ed. amp., p. 17-19, 2004. Acesso em: 07 abr. 2022.

World Health Organization. Organização Mundial da Saúde. Integrating mental health into primary care: a global perspective. Geneva: WHO/WONCA; 2008. Acesso em: 18 jun. 2022

